

Os Riscos e o Impacto da Era Pós-Verdade no Jornalismo¹

Josiel Lucas DA SILVA²

Suély ZONTA³

Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, RJ

RESUMO

O referido trabalho visa apontar os riscos e o impacto da Era Pós-Verdade no jornalismo, tomando como cenário a imprensa brasileira. Para isso, foi estudada a propagação das mentiras através das fofocas, boatos e conseqüentemente a Pós-Verdade. Como ferramenta de contextualização, foi realizado um estudo de caso sobre a divulgação da notícia da carne com papelão durante a Operação Carne Fraca da Polícia Federal e analisado a repercussão do assunto entre as pessoas que tiveram conhecimento do fato. O trabalho também identifica os pontos cruciais para que seja realizada uma boa apuração por parte dos jornalistas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Pós-Verdade; Boato; Operação Carne Fraca; Fake News.

INTRODUÇÃO

A comunicação alcançou níveis extremos e inimagináveis, o que acontece de um lado do mundo, em questão de minutos pode ser repassado para o outro canto da Terra. O que não se via antigamente, quando as notícias eram passadas de uma pessoa para outra até que todos soubessem. De vizinho em vizinho, de casa em casa, de bar em bar. Os boatos se espalhavam e iam tomando forma, alguns viraram credices, lendas ou até mesmo verdade.

Com o advento da internet na década de 90, muito se falava que os boatos poderiam diminuir e à medida que a tecnologia foi crescendo e a oportunidade de conhecer mais a fundo, pesquisar e tirar dúvidas sobre um tema, os boatos e mentiras seriam totalmente extintos, afinal, para descobrir uma mentira seria apenas pelo clique de um computador, *smartphone* ou *tablet*. Mas o que se vê hoje é o oposto disso.

Ter informação disponível por diversos canais de televisão, emissoras de rádios, jornais impressos e milhões de sites na internet, não diminui a propagação de boatos.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduando do Curso de Jornalismo do UBM – Centro Universitário de Barra Mansa, e-mail: josiel.lucas@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do UBM – Centro Universitário de Barra Mansa, e-mail: suzonta@gmail.com.

Com a oportunidade de as pessoas serem protagonistas de suas histórias, e poder contar sobre um fato, a verificação de uma informação se torna mais trabalhosa para jornalistas. Quando pensamos nas pessoas “comuns” a tarefa de comprovação fica ainda mais difícil de acontecer, visto que, com os afazeres do dia a dia, não têm o tempo de parar para verificar a veracidade do que estão lendo e, conseqüentemente, divulgando. As informações passam, os indivíduos leem, curtem, compartilham, sem ao menos saber o que há por trás da informação.

A finalidade deste trabalho é descobrir os riscos e o impacto da era pós-verdade no jornalismo e responder, através do estudo, o que leva os jornalistas a publicarem notícias falsas. Para comprovar a teoria apresentada, o trabalho apresenta um estudo do caso da “Carne no papelão”, um exemplo do impacto da informação na sociedade e no campo jornalístico. Também é apresentada uma pesquisa, por amostragem, realizada com a população da região Sul Fluminense que comprova as ideias.

Para concluir, a ferramenta principal para a resolução do problema seria investir na apuração de forma precisa e isenta, com o dever de informar de modo sábio e com responsabilidade. Esse é um dos artigos presentes no código de Ética do jornalista e esquecido nas redações atuais de jornais, seja na TV, jornais e internet. A checagem é um dos pontos cruciais para uma boa matéria e deve ser feita com responsabilidade, sabendo que o erro pode custar muito caro aos envolvidos.

Verdade e Mentira

Existe uma linha muito tênue sobre o que é verdade e mentira. Esses são assuntos que sempre despertaram interesse e foram estudados por vários filósofos. Na maioria das reflexões, o tema é abordado como uma questão ligada à ética e ao direito, com análises das possibilidades de uma mentira ser legitimada conforme é contada.

De acordo com Platão (2001) “verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso aquele que as diz como não são”. Ou seja, o filósofo classifica como verdade o fato que se pode provar e como mentira, ou falso, o que não é dito e nem provado. Enquanto Nietzsche (1998), afirma ser a verdade um ponto de vista, e que não pode ser definida apenas pressupondo que é o oposto da mentira. Já René Descartes (1996) explica a verdade como a certeza, ou seja, inquestionável. Ainda considerando a filosofia para explicar a verdade, encontramos a seguinte definição de Abbagnano:

Em geral, entende-se por Verdade a qualidade em virtude da qual um procedimento cognoscitivo qualquer torna-se eficaz ou obtém êxito. Essa caracterização pode ser aplicada tanto às concepções segundo as quais o conhecimento é um processo mental quanto às que o consideram um processo lingüístico ou semiótico. (2007, p.994)

Em contra ponto, Rousseau (2002) conceitua a mentira como o ato de afirmar uma coisa em vantagem própria causando prejuízo a outrem:

Mentir para sua própria vantagem é impostura, mentir para a vantagem de outrem é fraude, mentir para prejudicar é calúnia; é a pior espécie de mentira. Mentir sem proveito nem prejuízo para si nem para outrem não é mentir: isso não é mentira, é ficção. (apud Puente, 2002, p.40).

Se para Rousseau a mentira é um ato externo por sempre causar prejuízo a outros. Kant (2008) pensa de outra forma. Mesmo se um conceito mentiroso não causar prejuízo, ele sempre será mentira, pois acaba com um mandamento, para ele sagrado, de ser sempre verdadeiro em suas falas. A visão de Aristóteles, conforme explicado por Abbagnano (2007), também distingue duas espécies fundamentais de Mentira: a jactância, que consiste em exagerar a verdade, e a ironia, que consiste em diminuí-la.

Fofoca x Boatos

Quando não existia nenhum tipo de instrumento de comunicação tecnológica, as fofocas e boatos eram criados nas conversas de vizinhas, nos bares, nas empresas, com as “rádio peão”, era o famoso “disse me disse”, e assim os boatos se espalhavam como se fossem verdade.

As principais diferenças entre fofoca e boato estão no conteúdo da mensagem, nas motivações que estão por trás do assunto e na dimensão que ganha ao ser difundida. A fofoca envolve um grupo tímido de curiosos, já o boato conquista um círculo bem maior de ouvintes.

Se um boato se espalha é porque encontra quem os ouve. Trata-se de um fenômeno universal e necessário para a formação da sociedade. É o que diz DiFonzo (2009) “Esperar por notícias pode ser, na verdade, pior do que recebê-las – e as pessoas se agarram a boatos na tentativa de colocar um fim na ansiedade”.

Os boatos são utilizados por quem está numa posição de poder com a intenção de manipular a opinião do grupo. Para o cientista político Paulo Bahia (2002) alguns

boatos são inventados com o propósito de favorecer quem os diz. Exemplos acontecem na política, economia e nas relações interpessoais.

Do Micro para o Macro – Tudo Surge com os Boatos

Falar da vida dos outros é um hábito que vem desde os tempos das cavernas. Para Frank McAndrew (2002) esse costume teria ajudado na evolução humana. Em seu estudo, afirma que “para obter sucesso nos grupos sociais, os homens pré-históricos tinham de saber sobre a vida das outras pessoas e o que elas sabiam fazer”. Para ele, quem tinha mais informação conhecia as fraquezas dos adversários e poderia tirar proveito disso.

Para Gaiarsa (1978), muitos relatos dão conta de que os boatos interferem na história há tempos. No século I, a rainha Cleópatra, acuada pelo senado Romano após a declaração de guerra a ela e a Antônio, fez circular o boato de que tinha se matado. Antônio acreditou na história divulgada e enfiou uma faca na própria barriga. Cleópatra, depois, se matou também.

Segundo Darnton (2017), Procópio, o historiador bizantino do século VI, escreveu um livro cheio de histórias de veracidade duvidosa, *História Secreta*, que manteve em segredo até sua morte, para arruinar a reputação do imperador Justiniano, depois de ter mostrado adoração a ele em suas obras oficiais.

Nem o papa foi poupado. Em 1522, Pietro Aretino tentou manipular a eleição do pontífice escrevendo sonetos, em pasquins da época, sobre todos os candidatos, menos para o preferido por seus patronos, os Médicis. Darnton explica que os pasquins influenciaram na criação de instrumentos de fazer circular notícias falsas:

Ainda que os pasquins nunca tenham desaparecido por completo, no século XVII foram substituídos em grande parte por um gênero mais popular, o *canard*, a gazeta cheia de boatos e falsas notícias que circulou pelas ruas de Paris durante os 200 anos seguintes. (Darnton, Robert. A verdadeira história das notícias falsas. Em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acessado em 19 de maio de 2017)

No século XVIII, a produção de notícias falsas teve seu ápice em Londres, quando os jornais aumentaram a circulação. Em 1788, a cidade tinha dez jornais diários, alguns saíam vários dias na semana e outros, apenas, uma vez. Eram produzidos pelos “homens do parágrafo”, que se inteiravam das fofocas na cidade, escreviam algumas

frases em um papel e o levava aos impressores. A maioria se conformava em manipular a opinião pública a favor ou contra uma personalidade ou acontecimento na cidade.

Assim como acontece hoje, muitos casos de mentiras eram reforçados por motivos políticos. Na Itália, simpatizantes e adversários do ditador Mussolini espalhavam que ele havia recuperado o sistema de transporte ferroviário do país. Só que os trens começaram a ser recuperados antes de Mussolini chegar ao poder, em 1922. Em meados dos anos 20 nasceu o colunismo social, uma forma de aceitação da fofoca pela sociedade.

A prática de repassar uma informação sem a devida apuração e certeza da veracidade foi estimulada com a evolução da tecnologia. Com a chegada da internet, a disseminação de boatos ganhou muito mais força e passou das fofocas entre vizinhos para envios em massa pelos campos de informação como e-mails e redes sociais, ou seja, do micro para o macro.

A internet deu outro nome aos boatos criados na rede: *hoax*. Trata-se de boatos recebidos por e-mail ou compartilhados em redes sociais. Em geral, são mensagens dramáticas, alarmantes e que chamam a atenção de um determinado público. Essa forma de despertar o interesse do leitor só o instiga mais e mais a propagar as mentiras. Esse fenômeno vem afetando todas as áreas da sociedade, até mesmo a imprensa.

Era Pós-Verdade

O termo “pós-verdade” tem ganhado, a cada dia, mais destaque nas redações de jornalismo e na sociedade. Essa popularização foi comprovada pelo Dicionário *Oxford* que a elegeu como a palavra do ano de 2016. Apesar do seu uso ter aumentado cerca de 2.000% no último ano, o termo surgiu em 1992 quando foi usado pelo dramaturgo sérvio-americano *Steve Tesich* em um ensaio para a revista *The Nation*, e se popularizou após ser usado pelo escritor americano *Ralph Keys* como título de seu livro.

Ainda, segundo o Dicionário *Oxford* (2016), em uma tradução livre, “pós-verdade” está relacionado ou denotado a circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que atrai a emoção e a crença pessoal. Afirma que "Nesta era da política pós-verdade, é fácil escolher dados de cera e chegar a qualquer conclusão que desejar".

A disseminação de boatos e mentiras na eleição presidencial dos Estados Unidos cooperou para que a palavra estivesse cada vez mais em voga. Um exemplo muito

comentado foi quando o candidato, hoje, presidente Americano, *Donald Trump*, disse que o, então, presidente *Barack Obama* era fundador do Estado Islâmico. *Trump* fez a colocação pela primeira vez durante um discurso de campanha na noite do dia 10 de agosto de 2016 no Estado da Flórida, e depois a repetiu no dia seguinte em uma entrevista à rede de televisão CNBC.

"Ele (Obama) foi o fundador do Estado Islâmico. E ela também. Quer dizer, eu os chamo de cofundadores", disse Trump. "Ele não deveria ter saído do jeito que saiu. Foi um desastre o que ele fez", afirmou à CNBC. (G1. Trump chama Obama e Hillary de cofundadores do Estado Islâmico. Em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/trump-chama-obama-e-hillary-de-cofundadores-doestado-islamico.html>. Acessado em 30 de novembro de 2017)

Por mais que a afirmação fosse absurda, a declaração promoveu um debate sobre os limites na campanha presidencial. Dessa forma, uma mentira não desmentida pode tornar-se loucura:

Nesse momento, a ideologia já não é uma arma, mas um fim. A mentira que não é mais desmentida torna-se loucura. A realidade, assim como a finalidade, são dissolvidas na proclamação ideológica totalitária: tudo o que ela diz é tudo o que é. É um primitivismo local do espetáculo, cujo papel é, todavia, essencial no desenvolvimento do espetáculo mundial. A ideologia que se materializa aqui não transformou economicamente o mundo, como o capitalismo chegando ao estágio da abundância; ela só transformou policialmente a percepção. (Debord. 2003, p. 82-83)

Quando uma informação é propagada sem a devida apuração, aos poucos ela vai tomando face diante da sociedade, caindo no inconsciente como verdade. A mídia tem esse poder. Seu papel é trazer à tona o que está escondido, explicar o que não se entende, para que juntos, público e veículo, possam discutir os rumos de um assunto. Mas, quando essa mesma mídia não cumpre seu papel de apurar adequadamente, consultar fontes e revelar a verdade, os fragmentos de uma reportagem podem se distanciar do seu objetivo primordial, a veracidade.

O filósofo Lukács (2003) já premeditava, na década de 20, o que vem acontecendo na sociedade moderna. Os proletários, ou seja, a parte menos favorecida do reino, hoje, representada pelos trabalhadores, têm a necessidade de trocar de lugar no âmbito do espetáculo. Sair do mero lugar de espectador para participante ativo de uma revolução. Atualmente, vemos que a sociedade mudou o foco da sua preocupação. O interesse não está em como uma notícia termina, mas em como é seu desenvolvimento.

Com a ascensão da classe C e, conseqüentemente, do maior oferecimento de tecnologias como internet e jornais a essas pessoas, a participação popular na comunicação como um todo aumentou muito. Hoje, já é comum as pessoas fotografarem ou filmarem um fato e postar na internet, em suas páginas ou canais. A oferta e condições de participação são melhores do que há 20 anos. Essa transição de espectador para produtor da notícia traz inúmeros desafios para os jornalistas. Selecionar o que é ou não notícia, num imenso mar de produção independente e parcial, virou um desafio, afinal, cada grupo diz a sua versão sobre um fato, mas não, necessariamente, é a verdade absoluta.

Os Riscos e o Impacto no o Jornalismo

O jornalista, em seu código de ética, promete defender a verdade em precisa apuração e na correta exposição do fato, ou seja, em uma notícia envolta pela era pós-verdade, o profissional precisa estar atento o tempo todo para não ferir os princípios básicos de propagação de notícias falsa.

A divulgação de histórias falsas pode ter enormes riscos como prejuízos financeiros, constrangimentos, injúria e difamação de pessoas, empresas e organizações. Em casos extremos, pode originar ações violentas.

Um exemplo dos efeitos da era pós-verdade no Brasil seria a disseminação de que a morte de Marisa Letícia, esposa do ex-presidente Lula, era falsa. De acordo com os boatos divulgados, tudo teria sido encenado para Marisa escapar do julgamento e da prisão na Operação Lava Jato.

A política foi o habitat natural da pós-verdade, responsável, em grande medida, pelos resultados das eleições. Boatos permearam a campanha de Donald Trump, presidente da maior potência mundial, por exemplo, e continuam sendo utilizados para desestabilizar governos, candidaturas ou até mesmo gerar popularidade.

Mesmo que assessores ou políticos assumam a autoria por determinado boato, não é possível desconsiderar a responsabilidade, em parte, da imprensa. É culpa do jornalista, em muitos casos, alimentar essas vozes e informações controversas por não apresentar conteúdo qualificado, trabalho apurado de investigação e checagem da fonte.

Algumas ações da modernidade como os algoritmos criados pelo *Google* ou as redes sociais como *Facebook* criam verdadeiras “bolhas”, que cercam o indivíduo com acesso, apenas, aos conteúdos do seu interesse. Isso causa um ciclo vicioso da “pós-

verdade”. O filósofo Luiz Felipe Pondé (2017) ilustra bem esse cenário: “As pessoas consomem aquilo que vai ao encontro da sua visão de mundo”.

O grande impacto da “pós-verdade” no mundo atual é a perda de credibilidade da mídia, a mesma que afeta a política. A imprensa lê o mundo pela ótica de seus interesses e, por consequência, define as notícias, não a importância dos fatos. Daí, o mito da imparcialidade, que deveria existir no jornalismo, mas não passa de uma lenda.

Checar ainda é a melhor solução

Na era da informação, recuperar a precisa apuração e checagem dos fatos ainda é um dos pontos cruciais para uma boa reportagem, independente do seu tamanho e do veículo. Seria importante recuperar esse anseio pela checagem, mas segundo o jornalista Matthew D’Ancona (2017), “retuitamos, clicamos e compartilhamos sem checar”.

Para o psicólogo e prêmio Nobel Daniel Kahneman (2011), é um caso típico de aplicação da teoria da “cognição preguiçosa”, quando as pessoas tendem a ignorar fatos, dados e eventos que obriguem o cérebro a um esforço adicional. É também a procrastinação. Aquele negócio de depois eu faço, deixa para amanhã.

E é esse desafio que precisa ser explorado pelos jornalistas, o dever da checagem obrigatória antes da publicação de qualquer tipo de material, seja ele nota, artigo, matéria ou reportagem. É sempre indispensável a checagem dos fatos para que não alimente a indústria das *fake news*, boatos ou “pós-verdade”.

Um guia produzido pelo jornalista sueco Jack Werner (2017) definiu nove passos para checar boatos. O primeiro seria reconhecer o boato, pois a maioria deles seguem um formato específico. Geralmente, tem poucos detalhes e possui uma trama cujo fim é, frequentemente, diferente e chamativo. Procurar pelo viés ideológico também pode ajudar, visto que as pessoas compartilham factoides para reforçar suas crenças pessoais. A terceira indicação é procurar por nomes, lugares, imagens e datas. Ler os comentários sobre a tal postagem com a história é uma das dicas. Geralmente, se a notícia for mentira, pode ocorrer de as pessoas suspeitarem como você e comentarem sobre o assunto. Procurar pelas fontes e envolvidos da notícia. Na maioria das vezes, a fonte não tem nenhuma credibilidade. Buscar pelos elementos centrais da história pode ajudar caso o assunto já tenha sido noticiado anos atrás e volte a ser disseminado como uma outra notícia. E para finalizar, o autor, encerra suas dicas indicando que seja feita uma descrição detalhada do ocorrido na tentativa de encontrar pontos soltos.

A grande demanda de checar os dados fez surgir organizações especializadas em descobrir a veracidade das informações que circulam na sociedade. Em 2015, 64 grupos praticavam a checagem de fatos e dados publicados pela imprensa em mais de trinta países. Existem ainda serviços que observam a veracidade de dados e declarações públicas de políticos e personalidades. No Brasil, são exemplos a Agência Lupa e os sites Aos Fatos, Detector de Mentiras e o projeto Truco, da Agência Pública. Boatos da internet também são investigados por sites como Boatos.org e E-farsas.

Recentemente, o *Google* inaugurou o serviço “*Fact Check*”. Em abril de 2017, o *Facebook* anunciou uma ferramenta para reduzir o número de notícias falsas compartilhadas na rede social.

Estudo de Caso – Carne de Papelão

No dia 17 de março de 2017, a Polícia Federal do Brasil (PF) deflagrou a Operação Carne Fraca, que investigava o envolvimento de fiscais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em um esquema de liberação de licenças e fiscalização irregular de frigoríficos. Durante a investigação, as maiores empresas do ramo de carnes do Brasil: *JBS* (dona das marcas Seara, Swift, Friboi e Vigor) e a *BRF* (dona da Sadia e Perdigão), foram acusadas de adulterar a carne que vendiam.

No total, o escândalo da carne adulterada no Brasil envolveu mais de 30 empresas do país, acusadas de comercializar carne estragada, mudar a data de vencimento, maquiagem o aspecto e usar produtos químicos supostamente cancerígenos na tentativa de vender carne estragada, além de apontar agentes do governo envolvidos no esquema por liberar os produtos.

As investigações, que duraram dois anos, começaram no Paraná, após os alunos da rede pública estadual consumirem salsicha de peru sem carne, que eram preenchidas com proteína de soja, fécula de mandioca e carne de frango.

Na edição do *Jornal Hoje*, da Rede Globo, do dia 17 de março de 2017, foi noticiada a deflagração da Operação Carne Fraca. O jornal foi um dos primeiros a mostrar o fato, pouco tempo após a entrevista coletiva com a Polícia Federal ser encerrada e, ainda, com pouco conhecimento do assunto. Na reportagem foi noticiado que carne vencida e moída com papelão era comercializada pelas empresas investigadas, e que esse era um artifício para “encorpar” o produto.

Edição do dia 17/03/2017
17/03/2017 15h03 - Atualizado em 20/03/2017 16h35

Operação revela venda de carne vencida e moída com papelão

A maior operação da história da PF mira os grandes frigoríficos do país. Justiça cumpre 38 mandados de prisão contra pessoas ligadas a frigoríficos e ao Ministério da Agricultura.

Dulcinéia Novaes / Cláudia Bomtempo
Curitiba / Brasília



Figura 1 - Print do vídeo da reportagem postado no site do Jornal Hoje

Um pouco mais tarde, ainda no mesmo dia, o site do jornal impresso Estado de São Paulo, publicou uma matéria elencando os defeitos encontrados na carne durante a operação. O lead da matéria já dava a entender que dentre os produtos ilegais usados para adulterar a carne estava o papelão:

Cabeça de porco, carne podre, salmonela, papelão...

Veja o que a Operação Carne Fraca encontrou nos maiores frigoríficos do País

Julia Affonso, Luiz Vassallos e Mateus Coutinho
17 Março 2017 | 17h49



Foto: PF

A Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal nesta sexta-feira, 17, revelou uma série de artimanhas de frigoríficos para 'encorpar' os produtos que levavam ao mercado para consumo público.

Na lista dos 'ingredientes' usados estão cabeça de porco, a substância cancerígena ácido ascórbico, papelão e aditivos.

SIGA O ESTAD.



RD



Figura 2 - Print do cabeçalho de início da matéria no site do jornal Estado de São Paulo

Como vivemos em um mundo totalmente conectado, não demorou muito e começaram a aparecer nas redes sociais diversos memes, brincadeiras virtuais com montagens. As publicações brincavam com o fato da carne ter sido supostamente adulterada com pedaços de papelão.



Figura 3 - Print de um meme publicado na rede social Twitter

A notícia sobre algo extremamente sério e triste, uso de substâncias tóxicas para a produção de carnes, acabou se tornando relativo, ou seja, não importante para discutir ou pensar. Através desse meme e de outros milhares, foi-se construindo uma história, ainda que em parte falsa, mas que acabou entrando no subconsciente das pessoas ou causando uma imensa confusão e indagação: Existia carne moída com papelão?

Tanto se tornou “verdade”, que muitas pessoas começaram a publicar boatos sobre a Operação Carne Fraca. Nesse caso, após os memes, vieram as fake news e brincadeiras de cunho duvidoso.

No dia seguinte da deflagração da operação, a parte sobre a inclusão de papelão na carne foi melhor explicada pelas empresas. Na edição do dia 18 de março de 2017 do Jornal Hoje foi dada a seguinte nota do Grupo BRF:

A BRF, que controla marcas como Sadia e Perdigão, divulgou nota sobre o uso do papelão. Segundo a empresa, houve erro na interpretação da Polícia Federal sobre este trecho, porque o funcionário estava se referindo às embalagens do produto e não ao seu conteúdo. (Em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/03/carne-fraca-governo-tenta-reduzir-impacto-no-mercado-interno-e-externo.html>. Acessado em 5 de outubro de 2017)

Mas era tarde demais. As redes sociais já tinham estourado o assunto através dos memes. Os jornais já tinham noticiado e toda a população estava ciente do que poderia estar ocorrendo na produção das carnes. Apesar da correção tardia, muitas pessoas nem ficaram sabendo a verdadeira história e continuaram repassando o boato, crentes na mentira.

O estrago na imagem da empresa foi grande. As ações da JBS e BRF despencaram mais de 8% com a Operação Carne Fraca. Se perguntado, hoje em dia, sobre se acreditam que exista papelão na produção de carne no Brasil, muitas pessoas ainda vão reafirmar o que ouviram naquele dia, está no subconsciente das pessoas.

A divulgação das informações coletadas foi um conjunto de erros de diversas partes envolvidas. Primeiro, da Polícia Federal que não exemplificou para o que seria o uso do papelão na produção da carne e divulgou para todos os meios de comunicação essa informação não averiguada corretamente. Um órgão federal que zela pela segurança de todos e que estava numa operação contra a corrupção deveria ter o cuidado de informar corretamente o que havia sido coletado durante as investigações. E em segundo, os jornalistas que no anseio de divulgar a notícia em primeira mão, e sem a devida apuração, abusaram do sensacionalismo. Prática, infelizmente, bastante comum no jornalismo atual, em que a manchete vale mais do que a notícia.

Pesquisa de Campo

Para comprovar a tese de que mesmo com a correção da imprensa nos dias seguintes muitas pessoas ainda acreditavam no boato em torno da carne com papelão, foi realizada uma pesquisa de campo na região Sul Fluminense. De acordo com o IBGE, a localidade possui 1.062.000 habitantes, sendo assim, para a pesquisa foram entrevistadas 273 pessoas de ambos os sexos, com idade entre 18 e 60 anos, com, pelo menos, ensino médio incompleto e renda per capita familiar entre R\$ 2.811 e R\$ 5.623. O que dá a pesquisa um grau de confiança de 95% com uma margem de erro de 5%.

Quando perguntado se sabia sobre a Operação Carne Fraca, 73% dos entrevistados disseram que sim, 26% não tinham ouvido falar e uma pessoa não quis responder. Dos que sabiam sobre o assunto, 59% das pessoas tiveram conhecimento através da televisão e 37% pela internet. Ao ser questionado sobre a notícia do papelão na carne, 93% responderam que tinham ouvido falar sobre o assunto, 6% disseram que não e duas pessoas não responderam. Das pessoas que sabiam do assunto papelão na carne, mais da metade acreditaram na história sendo que 50% achavam que, realmente, o material era moído com a carne, 42% disseram que não existia papelão na carne, 7% disseram desconfiar, mas não podiam opinar com certeza, e que talvez poderia ser verdade a afirmação e 1% não respondeu.

Dado que comprova o fato de que, mesmo com a correção dos veículos de imprensa, a maioria das pessoas ainda acredita que possa existir papelão misturado ou moído com carne e alguns desconfiam da história, mas não a descartam completamente. Agora, quando a pergunta foi se a explicação dada nos noticiários esclarecia de forma satisfatória, a grande maioria, 69%, disse não, ou seja, que a imprensa não havia dissertado da forma correta a notícia e gerou confusão entre a população.

Conclusão

O autor Nicholas DiFonzo (2009) afirma que a razão pelo qual muitas mentiras são espalhadas é pela incerteza, medo e ansiedade das pessoas. Essa ansiedade produz uma vontade de estar no controle da situação, talvez por isso as pessoas acabam fazendo piadas sobre os assuntos.

Na Era da Pós-Verdade, quando as pessoas se deixam levar mais pela emoção do que pela razão, os memes acabam disseminando inverdades. Essa, que foi divulgada pela imprensa em tons sensacionalistas como no jornal Estadão, talvez para vender jornal ou ganhar cliques e compartilhamentos.

A correção veio tarde demais. Em tempos de internet e de rapidez com que as notícias se propagam, é importante sempre estar atento ao que será noticiado. Em casos de erros, oferecer a mesma quantidade de tempo para as respostas das empresas e correção seria o mais indicado. Mas não é o que aconteceu.

Pode-se dizer que, a longo prazo, esses veículos de mídia perdem a credibilidade perante ao público, um sério risco para a informação. Encontrar veículos comprometidos com a verdade será um novo passo para o jornalismo. E isso causa um

grande impacto na profissão. Será necessário um olhar mais aprofundado, estudo e preparo do jornalista, principalmente, para as produções de reportagens investigativas.

Observa-se que os veículos escolhem um lado, quando a notícia deveria ter somente um, o da verdade. Pode ser que as pessoas acordem do sono da parcialidade e comecem a buscar por uma notícia sem opiniões e sem defender um só lado. Acredito que isso provocaria um aumento na busca por informação de qualidade.

É fato que a indústria da informação está sendo transformada radicalmente pela tecnologia. Só não podemos deixar que todo esse avanço faça do jornalismo uma profissão de reprodução sem apuração. A tecnologia deve ser um instrumento para alcançar novas audiências, descobrir matérias, interagir, providenciar diferentes formas de acesso e apresentação e, assim, gerar novas experiências e níveis de engajamento.

Os jornalistas não podem deixar os princípios básicos esquecidos. O compromisso com a verdade e a apuração são elementos fundamentais para a profissão. São eles que permitem um veículo ser fonte de informação confiável e de credibilidade. É disso que essa Era Pós-Verdade precisa. Voltar aos princípios!

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CBS NEWS. **Trump: Seriously, Obama founded ISIS**. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/donald-trump-doubles-down-on-claim-that-obama-founded-isis/>> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

CNBC. **Obama 'absolutely' the founder of ISIS: Trump**. Disponível em: <<https://www.cnn.com/video/2016/08/11/obama-absolutely-the-founder-of-isis-trump.html>> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução Helena Martins; revisão técnica Ethel Alvarenga; consultoria Raul Landim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Contraponto: 1992

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

DIFONZO, Nícolas. **O poder dos boatos: como os rumos se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e por que acreditamos neles**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2009.

FÁBIO, André Cabette. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em 5 de maio de 2017

GAIARSA, José Angelo. **Tratado geral sobre a fofoca.** Editora Ágora, São Paulo, 1978.

MACEDO, Fausto. **Cabeça de porco, carne podre, salmonela, papelão...** Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/cabeça-de-porco-carne-podre-salmonela-papelao/>> Acesso em 1 de outubro de 2017

NOVAES, Dulcinéia. BOMTEMPO, Claudia. **Operação revela venda de carne vencida e moída com papelão.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/03/operacao-revela-venda-de-carne-vencida-e-moída-com-papelao.html>> Acesso em: 1 de outubro de 2017

PLATÃO. **Crátilo.** Trad. Maria José Figueiredo, Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e a mentira.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WERNER, Jack. **HOW TO FACT-CHECK AN URBAN LEGEND IN 9 STEPS.** Disponível em: <<http://factcheckingday.com/blog/1/how-to-fact-check-an-urban-legend-in-9-steps>> Acesso em: 25 de agosto de 2017